

Práticas Pedagógicas

no contexto de vidas Onlife

Givaldo Silva Jatobá

Eduardo Cardoso Moraes



Expediente técnico

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – ProfEPT

Autor: Givaldo Silva Jatobá

Orientador: Eduardo Cardoso Moraes

Projeto Gráfico e Diagramação: Pedro Henrique Barbosa Jatobá

Elementos Gráficos: Gemini Pro





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

370

J39p

Jatobá, Givaldo Silva.

Práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife / Givaldo Silva Jatobá. – 2026.
16 p. : il.

Produto Educacional Dissertação - Práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife: por dentro da vida nas redes sociais no ensino médio integrado (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2026.

1. Educação. 2. Práticas Pedagógicas. 3. Análise Textual. 4. Redes Sociais.
I. Título.

Fernanda Isis Correia da Silva / Bibliotecária - CRB-4/1796

Caro(a) colega docente,

Esta cartilha é fruto da pesquisa de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT, desenvolvida no IFAL, Campus Benedito Bentes. Essa pesquisa tem como título “Práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife: por dentro da vida nas redes sociais no Ensino Médio Integrado” e contou com 20 participantes, sendo 5 docentes e 15 discentes e foi realizada em 3 etapas: observação e descrição (seguindo os usuários nas redes sociais), rodas de conversas e questionários.

Nosso propósito dialogar com docentes do Ensino Médio Integrado (mas, não só) e refletir sobre a atual realidade hiperconectada em que vivemos, seus impactos sobre a vida e acerca da necessidade de todos nós, enquanto docentes, repensarmos nossas práticas, de modo a nos preocuparmos em promover uma aprendizagem frente aos fenômenos da digitalidade. O que isso significa?

Vivemos em uma sociedade que gira em torno da conectividade. Ou seja, a forma como agimos vem sofrendo grandes mudanças, seja no modo como trabalhamos, seja na maneira como aprendemos. Em todas as esferas da nossa vida há grandes transformações provocadas por nossa realidade hiperconectada.

Meus estudos apontam para a necessidade de compreender o que é a vida onlife – a vida hiperconectada – e os seus efeitos resultantes do modo como a experienciamos. Para a importância de novas metodologias e posturas docentes que levem à inventividade, à cocriação e à colaboração.

Vamos pensar juntos a esse respeito?

Sumário

04	Realidade Hiperconectada?
07	Educação Onlife
10	E as nossas experiências?
13	Para ensaiar uma Educação Onlife
22	Vozes dos Professores
25	10 Práticas pedagógicas que você pode aplicar AMANHÃ!
31	Referências

Realidade Hiperconectada?

O que representa, de fato, essa noção de realidade hiperconectada?

Floridi (2015), um filósofo italiano, personalizou a expressão OnLIFE (ser humano em uma era hiperconectada), que tem sua fundação no The Onlife Manifesto (“Manifesto Onlife”), o qual, ainda segundo esse autor, representa um exercício de reengenharia de conceitos que possam contribuir no processo de compreensão e experimentação de uma realidade que se renova.



Nesse sentido, como enxergamos essa realidade e formulamos nossa concepção de mundo?

Como somos movidos por nossos conceitos, Floridi (2015) nos traz a ideia de que as transformações e, conseqüentemente, os impactos gerados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) abalam os nossos quadros referenciais, no sentido de que as tecnologias e seus usos afetam radicalmente a nossa própria condição humana. Para esse filósofo, o termo “onlife” nos remete a um processo reflexivo sobre causas e efeitos das TDICs em nossas vidas. - como funcionam, o que implicam e até que ponto todas essas mudanças movidas pela conectividade mediante as nossas experiências impactam o nosso modo de ser, de pensar e de agir, ou seja, nos nossos conceitos externos (do outro, de realidade, de mundo) e internos, na conceituação de nós mesmos.



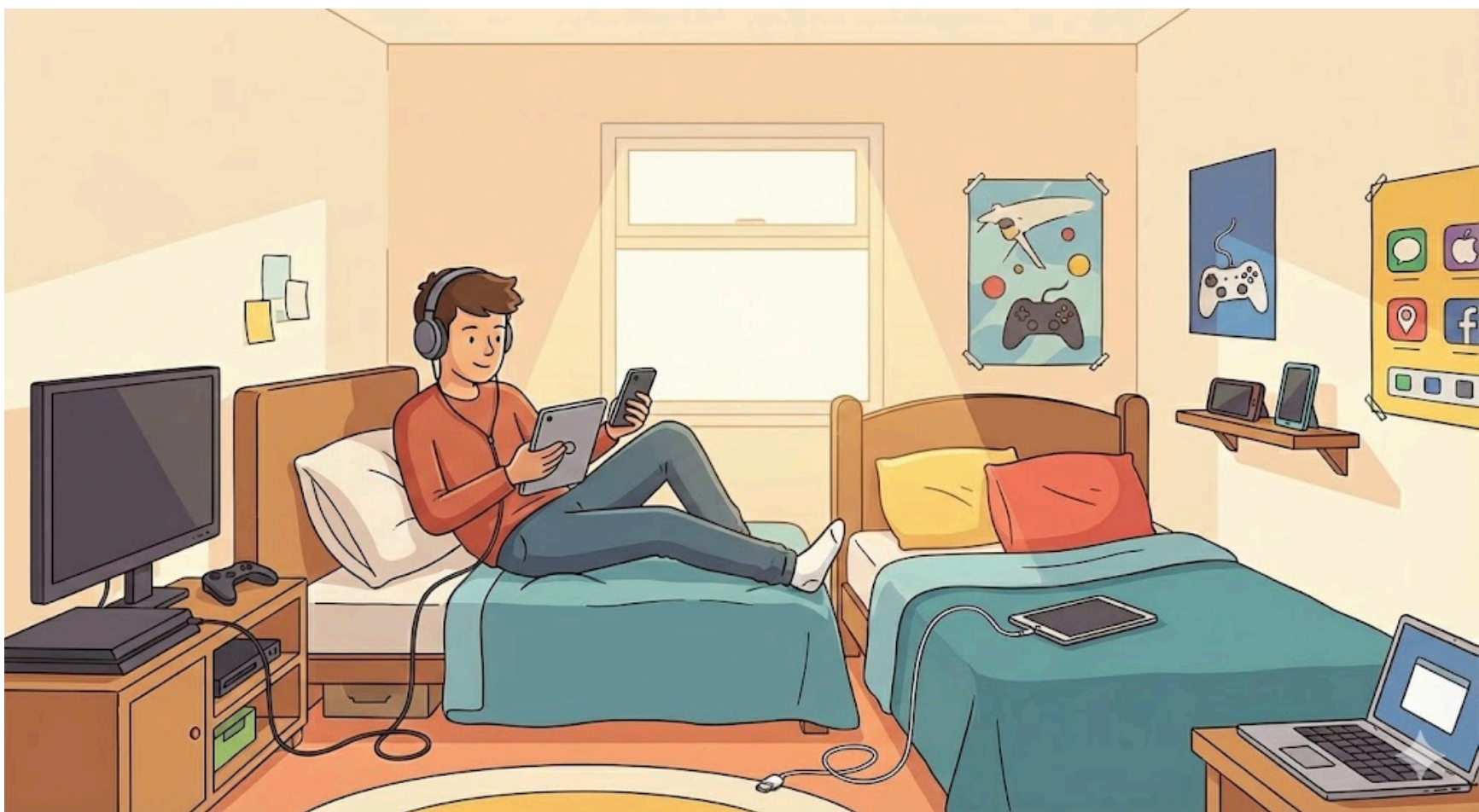
De acordo com Floridi (2015), mas, também a partir de Schlemmer (2020) e Moreira (2020), as TDICS não são compreendidas como tecnologias de inteligência, como as denominou o filósofo francês Pierre Levy (1993), pois, segundo esse autor, elas ampliam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas, ou seja, a forma como aprendemos e organizamos o pensamento.

Em contraponto a essa ideia de Levy (1993), esses autores vão argumentar que essas tecnologias digitais abarcam uma amplitude muito maior, porque são “forças ambientais”, no sentido de que implicam, incidem sobre nós, levando-nos por um processo de questionamento da própria realidade, inclusive a partir da problematização de quem somos. Para eles, estamos vivendo “vidas onlife” em que os modos on/offline que experienciamos geram uma unicidade e afetam a nossa forma de viver.



Um exemplo que expressa bem essa ideia de fusão, de coengendramento entre o on-line e o off-line, é discutido por Ferreira (2020), doutor em educação, em sua obra “A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar”, ao apresentar e analisar relatos de experiências retratadas por esses participantes. O autor explica que o “quarto” tornou-se símbolo da falta de diálogo e de acolhimento — tanto no ambiente familiar quanto escolar —, refletindo, assim, o isolamento de crianças e adolescentes que passam grande parte do tempo conectados, mas emocionalmente distantes.

Essa personalização “geração do quarto” representa, segundo esse pesquisador, um grupo que, embora altamente conectado ao mundo digital, sofre com o afastamento das relações presenciais, com a falta de pertencimento e com o sentimento constante de inadequação. O autor aponta que o celular se tornou o principal meio de fuga e que, apesar da habilidade tecnológica, muitos desses jovens se mostram inseguros e descontentes consigo mesmos.



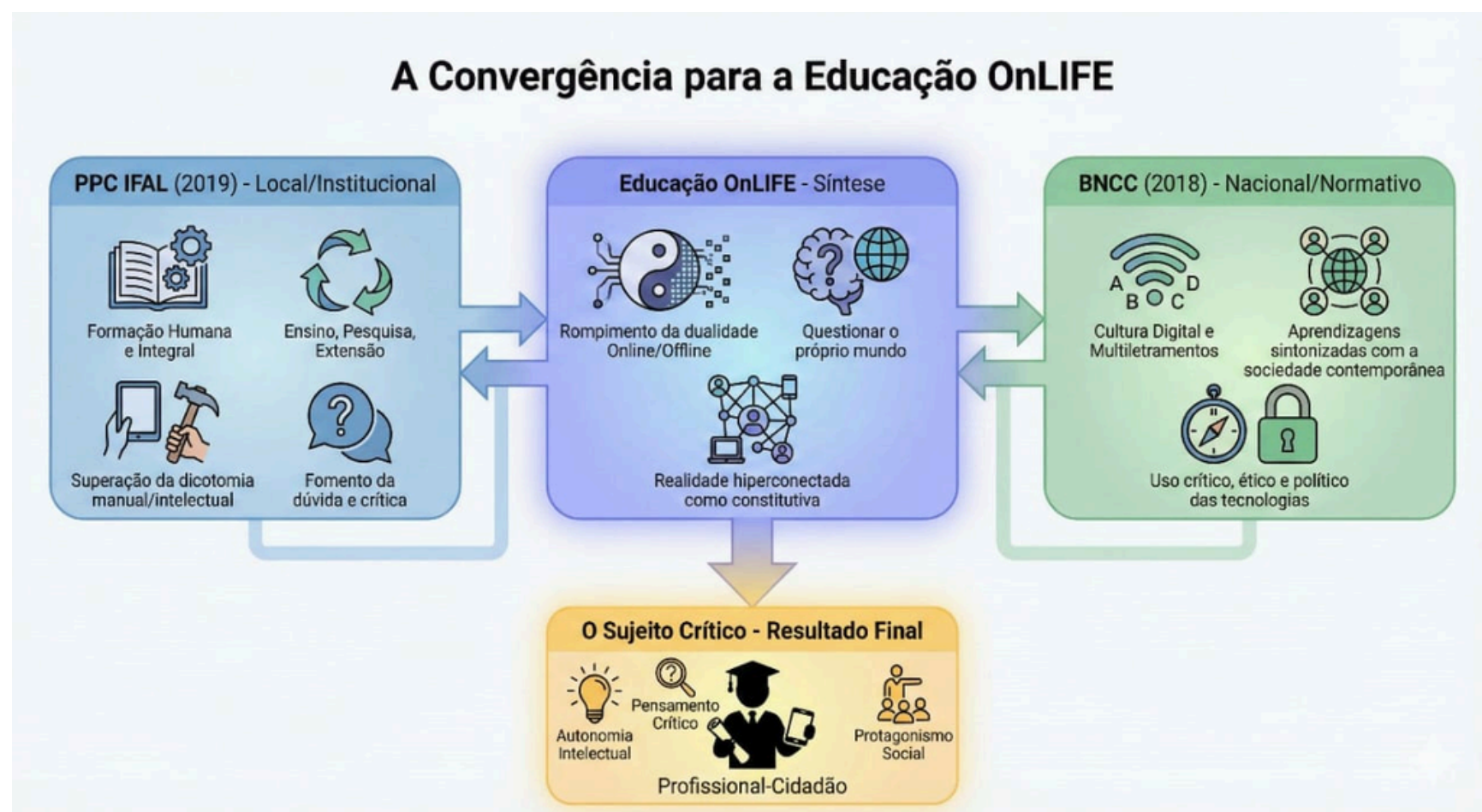
Ferreira (2020) também alerta para o paradoxo vivido por essa geração: o excesso de conexão virtual aliado à carência de vínculos reais. Em busca de aceitação e de afeto, esses jovens se refugiam nas redes sociais, onde se aproximam de quem está longe e se afastam de quem está perto. O autor observa ainda uma tendência preocupante: a substituição do conhecimento profundo pela informação rápida e superficial, obtida em canais de influenciadores e plataformas digitais. Assim, a “geração do quarto” se constitui como um retrato contemporâneo do isolamento emocional e da fragilidade dos laços humanos em tempos de hiperconectividade.

Educação Onlife

Na atual conjuntura socio-educacional, Floridi (2015) é categórico ao constatar que um dos efeitos de vivermos conectados, em rede, é que torna-se cada vez mais difusa a distinção entre os ambientes físico e digital. Diante disso, surge uma questão fundamental para a prática docente:

Como alinhar as exigências normativas e institucionais com a realidade vivida pelos nossos estudantes?

A Educação Onlife apresenta-se como um ponto de convergência. Ao analisarmos o Plano Pedagógico do Curso (PPC) de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), identificamos que a proposta Onlife está alinhada aos objetivos de ambos os documentos.



A construção de um sujeito crítico (o "Profissional-Cidadão") depende da articulação harmônica entre três esferas:



Esfera Institucional (PPC IFAL - 2019): O documento local estabelece a necessidade de uma "formação humana e integral". O objetivo transcende a técnica; busca-se a superação da dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual. Ao propor a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o PPC fomenta o debate e a dúvida.



Esfera Normativa (BNCC - 2018): Em âmbito nacional, a Base enfatiza a cultura digital e os multiletramentos. O documento é taxativo ao exigir não apenas o uso instrumental da tecnologia, mas seu uso ético, crítico e político. A competência digital na BNCC pressupõe que o estudante compreenda o impacto das tecnologias nas relações humanas e na produção de sentidos.



Educação Onlife: Resposta metodológica que parte da premissa de que não há uma separação rígida entre "online" e "offline". Em vez de apenas adaptar o aluno, a abordagem inventiva o convida a questionar o próprio mundo.

A finalidade dessa convergência é a **formação do sujeito crítico**.

Em uma perspectiva tradicional, o ensino foca na resolução de problemas preexistentes (adaptação). Na perspectiva Onlife, alinhada ao PPC e à BNCC, o foco desloca-se para a invenção de problemas (problematização). Isso significa capacitar o estudante a identificar questões inéditas em sua realidade e propor soluções originais.



Nesse sentido, a Educação Onlife propõe uma forma de articulação entre o documento do IFAL e a BNCC, promovendo a formação de sujeitos críticos que não ajam apenas como consumidores de tecnologia, mas como agentes participativos e construtores da própria realidade.

... e as nossas experiências?

Conforme já mencionei, realizei uma pesquisa com discentes e docentes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (Campus Maceió). As informações coletadas dizem respeito às suas vivências nesse universo OnLife. No geral, tanto os estudantes quanto os professores se posicionaram de forma semelhante: ambos estão cientes que as TDICs, a depender da forma como interagimos, oferecem vantagens e desvantagens.



Foram aplicados questionários em sala de aula com os estudantes dos primeiros e terceiros anos. Desses, é perceptível que houve um aumento significativo no número de horas diárias passadas em redes sociais entre estudantes do primeiro ano e do último ano: 46,5% dos alunos do 1º ano utilizam redes sociais durante mais de 4 horas por dia, enquanto no 3º ano o número é bem mais alto, chegando a 73,4%.

Com qual linguagem os estudantes mais se identificam?

Ao serem perguntados: “Com qual linguagem você mais se identifica no processo de assimilação de conteúdos?”, para termos uma visão do início ao término do curso, representamos a porcentagem de respostas de acordo com a turma.

Gráfico do primeiro ano:

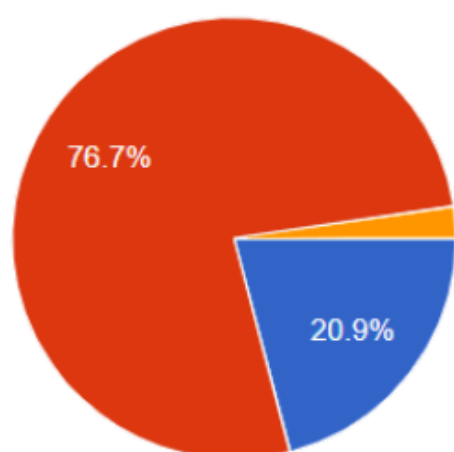
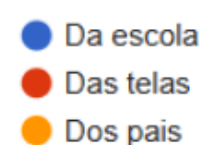
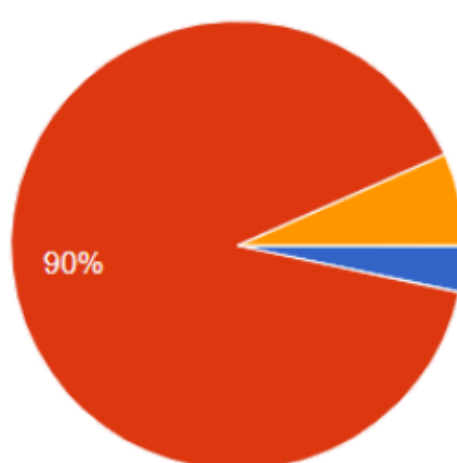


Gráfico do terceiro ano:



Para os estudantes do primeiro ano, a linguagem da escola está com uma margem significativa (mesmo assim baixa) de adesão, em relação ao grupo do terceiro ano, grupo no qual a aderência à linguagem do ambiente escolar cai para 3,3%. Além disso, a identificação com a linguagem dos pais sobe de 2,3% para 6,7%.

Saltam aos olhos a afinidade que ambas as turmas têm com a linguagem das telas: 76,7% e 90%.

Essa representação gera questionamentos. Será que os alunos estão aprendendo mais com as telas? Ou eles estão tendo apenas a ilusão de entender? Isso evidencia a relevância premente de discutirmos essa nova configuração.

Para os docentes dessas turmas, a internet é um meio eficaz de conectar os discentes a informações atualizadas e variadas do mundo real. Porém, reiteram que há uma grande diferença entre informação e conhecimento: o verdadeiro conhecimento vem de um trabalho árduo que exige esforço, concentração e criticidade. Para eles, há portanto, uma necessidade de sistematizar aquela informação para que ela se transforme em conhecimento para o aluno: “A hiperconectividade nem sempre vem para o bem. Vejo muitos estudantes no celular o tempo todo em sala de aula, e não é estudando. Acho que ela hoje mais atrapalha do que ajuda”. Enfatizam que este mundo digital desperta super estímulos que concorrem com um ensino que requer foco e disciplina.

Por essas ideias, ponderam que as possibilidades para tornar as aulas mais participativas e produtivas, por meio das TDICs, são inúmeras, mas requerem “tempo, recurso e treinamento por parte da instituição para os docentes”

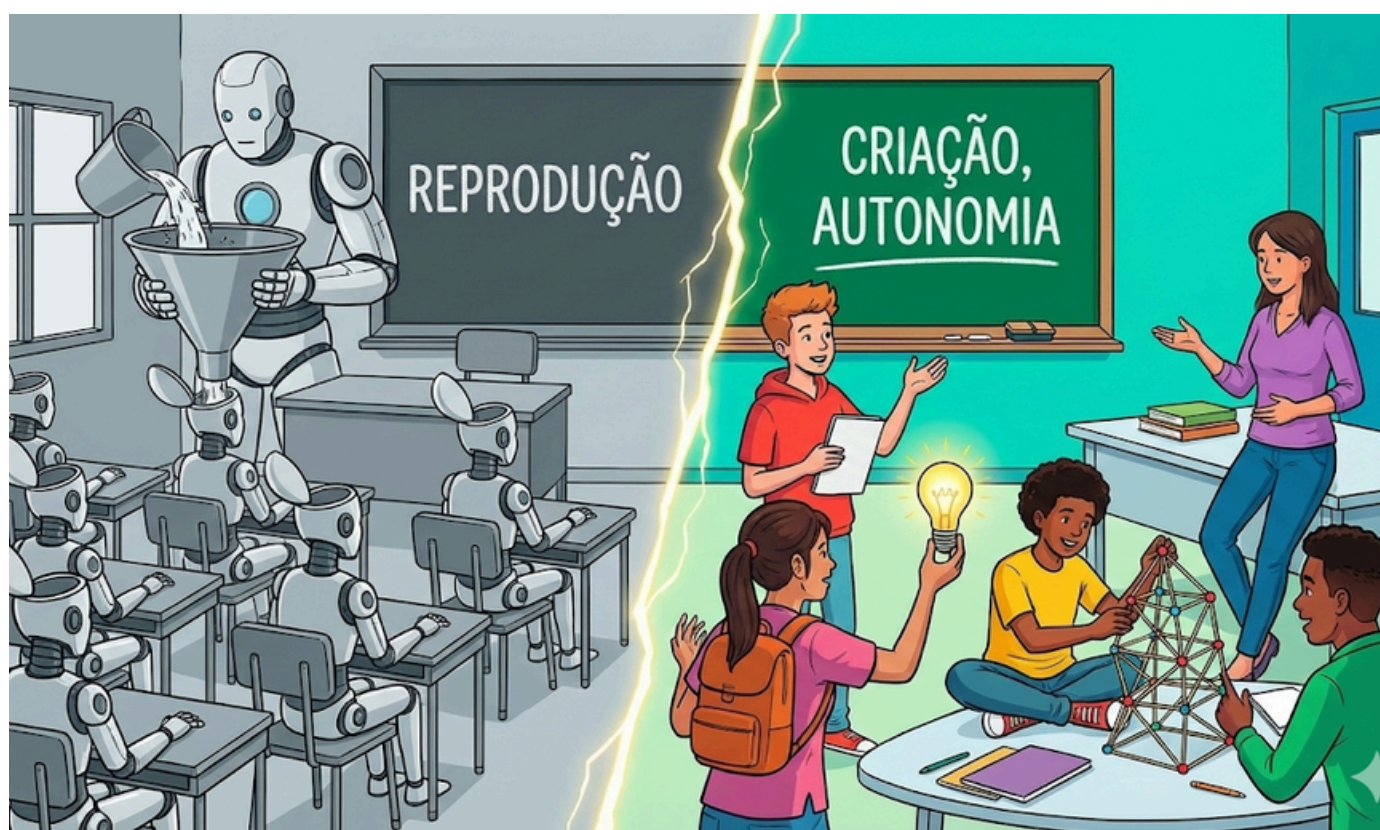


Para ensaiar uma educação Onlife

Agora que já conversamos a respeito desta nova realidade que se ergue, te convido a refletir sobre a nossa prática pedagógica, enquanto docentes, ao pensarmos em uma educação onlife na perspectiva de uma concepção crítica de educação.



Segundo o artigo “Pistas para o Modelo Pedagógico para uma Educação Onlife com foco no Personal Learning Environment (PLE)”, publicado na revista E-Curriculum, vol. 21, em 2023, por Daiana Steyer, Patrícia Scherer Bassani e Patrícia Alejandra Behar, que organizam suas ideias na órbita de um eixo configurado em identificar aproximações da educação onlife e o Ambiente Pessoal de Aprendizagem, e, a partir daí, elaborar pistas para a construção de um modelo pedagógico (MP) para práticas educacionais mediadas por tecnologias.

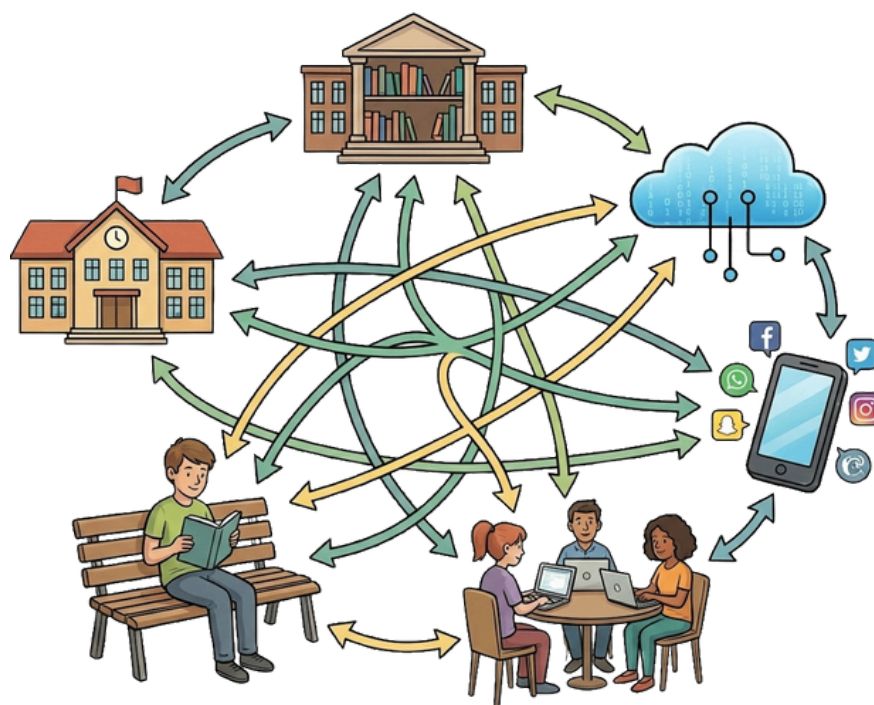


Aprendizagem em âmbito geral



Essas autoras, então, vão nos trazer como possibilidade de complementaridade à educação onlife o conceito de PLE como sendo uma perspectiva que trabalha a aprendizagem como um todo, tanto no aspecto formal, quanto informal. pois os considera de suma importância para compreendermos como aprendemos nessas novas configurações, nesses novos ecossistemas caracterizados por uma realidade onlife.

“A abordagem PLE deve, então, promover a integração desses recursos relacionais e situacionais, além de oportunidades para que os alunos consigam atingir sua agência. Ao utilizar ativamente seu PLE, os estudantes podem compreender que, atualmente, eles não só consomem informações, como também podem criar, compartilhar e refletir com sua comunidade.” (Steyer; Bassani; Behar 2023 , p. 5)



Repensar o sistema educacional como ecossistema

Para as autoras: “Utilizar as TD como ferramenta ou recurso pouco contribui para desenvolver inovações e, por consequência, as práticas pedagógicas se constituem como mais do mesmo.” (Steyer; Bassani; Behar 2023, p. 14) Como exemplo, citam a diferença entre aplicar uma aprendizagem comum a todos e utilizar as tecnologias para personalizar o PLE.

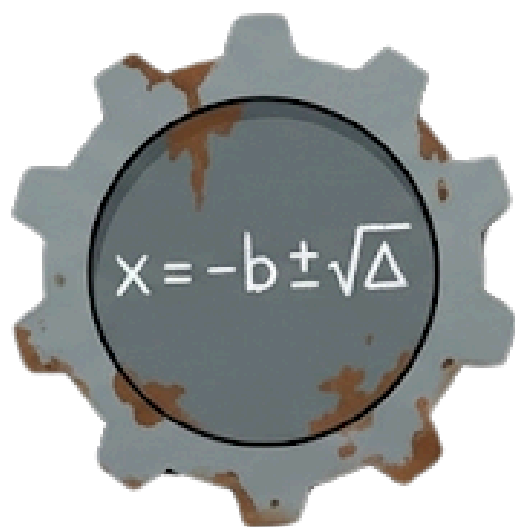


Cada aluno já vive em um ecossistema digital próprio. O objetivo aqui é ajudar o estudante a expandir seu PLE. O professor incentiva que um aluno aprenda via tutoriais no YouTube, enquanto outro prefere resumos escritos e um terceiro usa podcasts, desde que todos cheguem aos objetivos de aprendizagem. O foco é ensinar o aluno a gerir aquilo que tem à disposição, conforme seu estilo de aprendizagem.

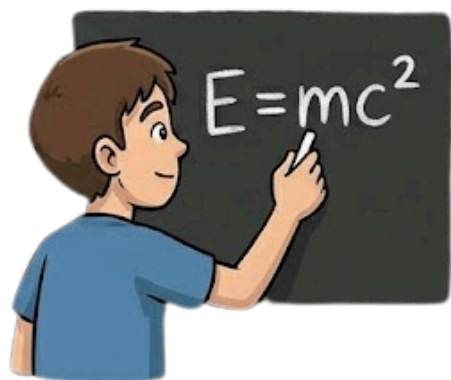
Segundo o artigo, devemos nos afastar do pensamento pronto que, muitas vezes, não nos toca profundamente nem nos instiga a pensar de verdade.



Um exemplo são aqueles nomes complicados que aprendemos nas aulas de biologia. Decorar uma lista de nomes apenas para reproduzi-los em uma avaliação é um pensamento pronto; já compreender como esses organismos interagem em um ecossistema e o impacto disso na vida real é um aprendizado significativo.



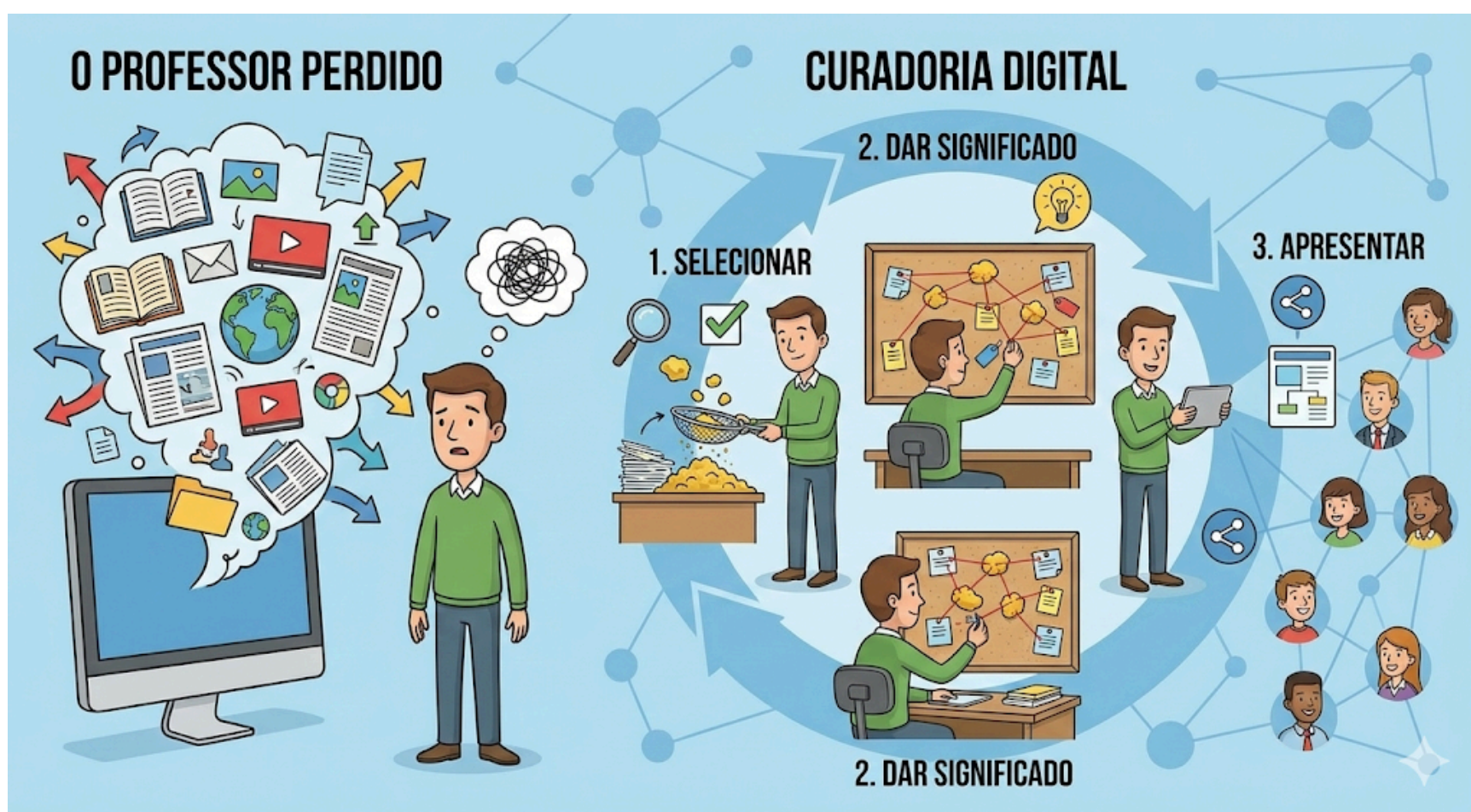
As autoras citam o exemplo dado por Virgínia Kastrup sobre a memorização mecânica de fórmulas matemáticas. Elas podem ser necessárias para um momento específico, mas por si só, não estimulam o raciocínio. A verdadeira aprendizagem acontece quando o pensamento não apenas repete a informação dada, mas se coloca em movimento para entender a lógica por trás dos conceitos.



Com relação às fórmulas matemáticas, nossa visão não deve se reduzir à uma mera questão de memorização, mas deve buscar entender o raciocínio, perceber a estrutura de pensamento que lhe deu origem.

Professor como curador digital

Conforme Steyer, Bassani e Behar (2023), é possível que o professor fique perdido ao tentar organizar o conhecimento a partir da vasta gama de conteúdos disponíveis. Para elas, esse contexto dá origem à construção do conceito de curadoria digital, que consiste em: selecionar, dar significado e apresentar.



Selecionar: Como o próprio nome diz, significa, a partir de um tema específico, buscar informações que atendam a determinados critérios como relevância, credibilidade, didática, entre outros. O intuito é agregar os conteúdos de maior qualidade em meio a um oceano de informações de pouco valor.

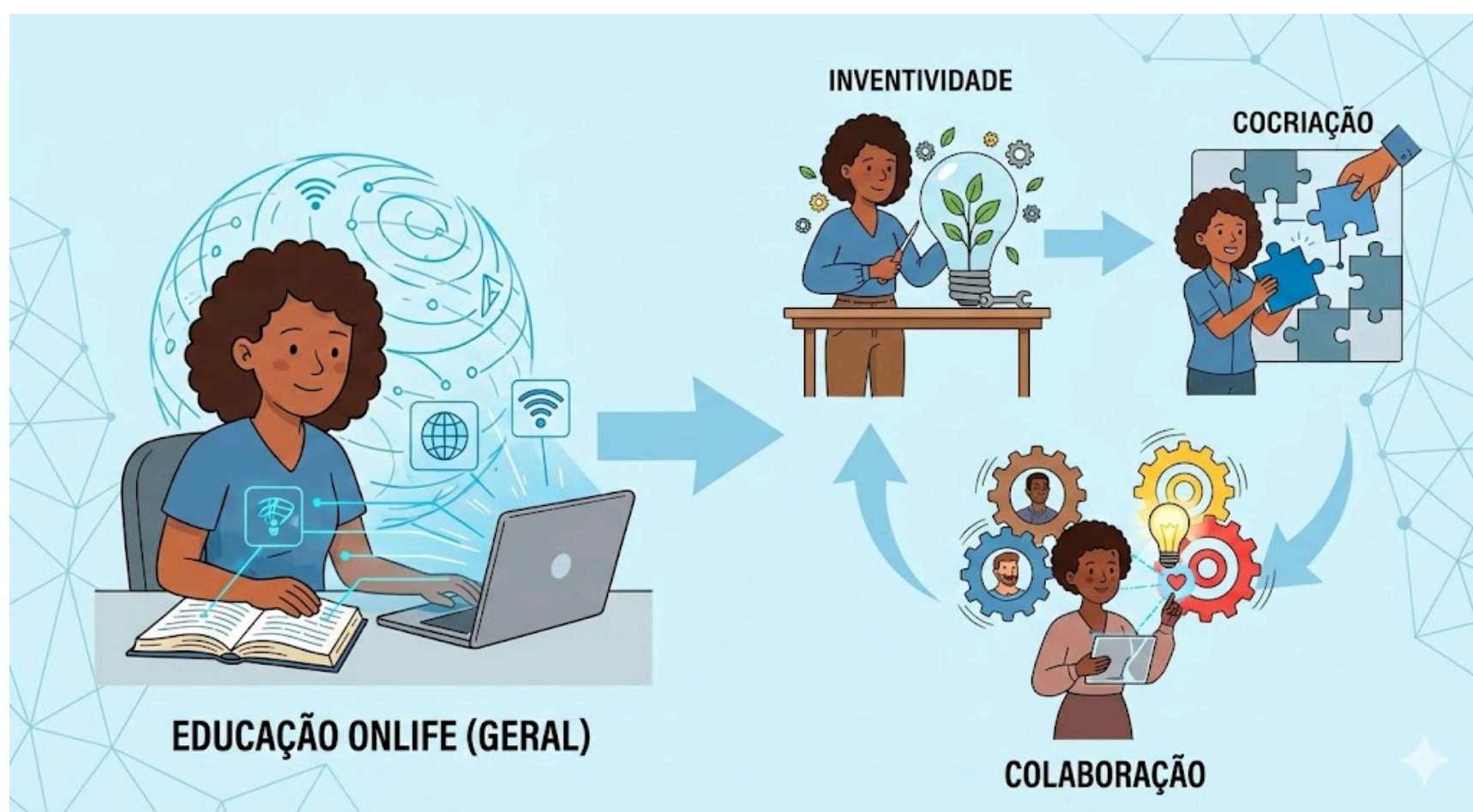
Dar significado: O curador deve ressignificar a informação, conferindo-lhe valor do que está implícito. Para isso, primeiramente ele se apropria do que selecionou e, de forma didática, organiza o encadeamento das ideias.



Apresentar: Consiste em expor as ideias que foram redimensionadas durante o processo de curadoria, ampliando e consolidando as redes pessoais de aprendizagem dos estudantes.

O conceito de Educação Onlife

Quando falamos em educação onlife, não estamos falando necessariamente sobre tecnologia, mas partimos da constatação que a realidade em que vivemos é caracterizada pela hiperconectividade. Ela faz uma análise que vai além do uso meramente instrumental das Tecnologias Digitais, abarcando uma reflexão profunda sobre novas metodologias e práticas pedagógicas.



Nesse contexto, a escola precisa estabelecer um diálogo com essa nova conjectura no sentido de problematizar o mundo à sua volta e a si mesma, buscando formas de articulação que potencializem os processos de ensino e aprendizagem, promovendo a inventividade, a cocriação e a colaboração entre os estudantes.



Inventividade: Vai além de uma mera resolução de problemas, instigando o pensamento crítico a partir da problematização da dinâmica da transformação da realidade.



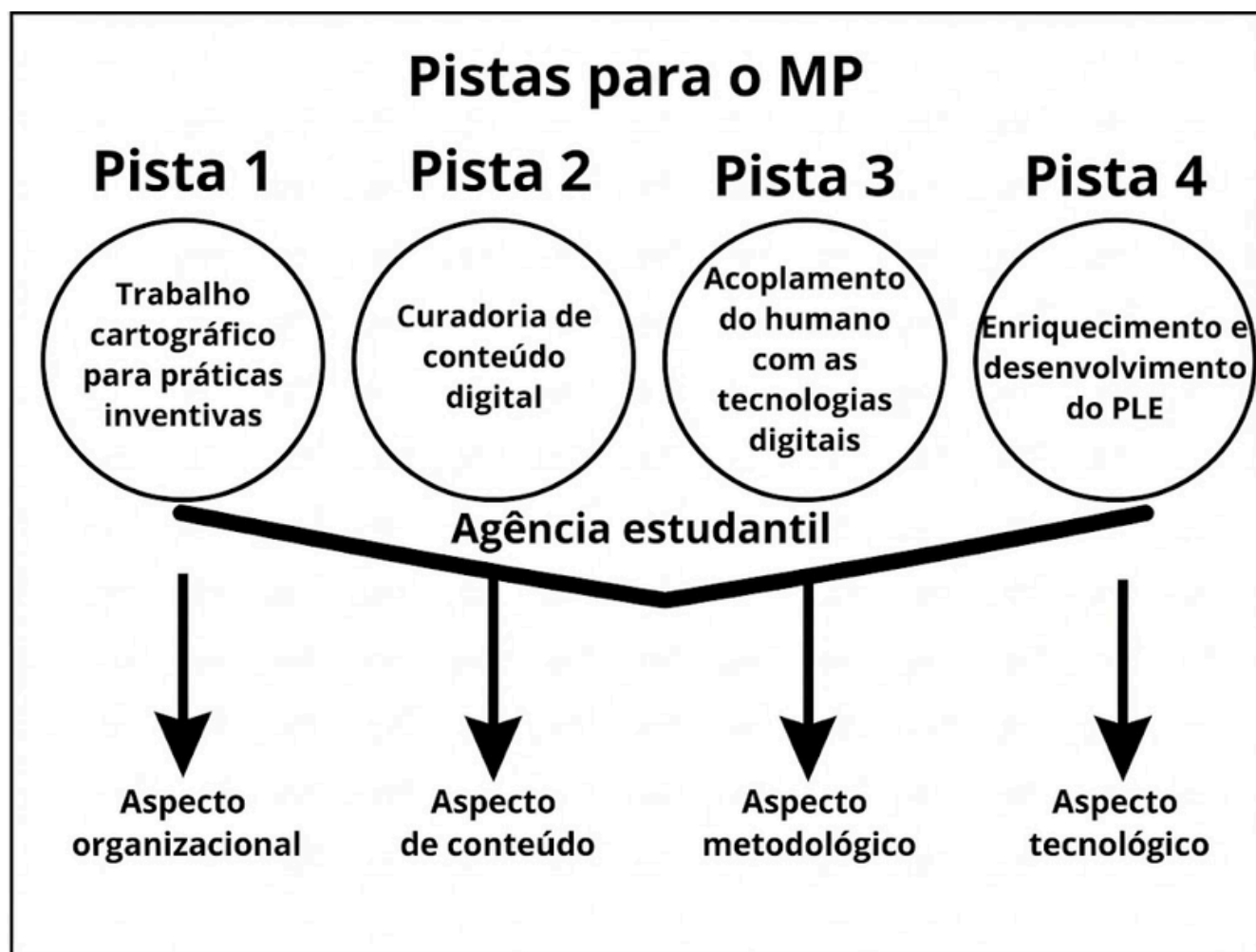
Cocriação: Professores e estudantes devem tornar-se parceiros e participantes ativos no processo de construção do conhecimento, despertando a imaginação e estimulando a criatividade.



Colaboração: É a base da conexão humana desde os primórdios, mas essa era digital reforça seu caráter indispensável. Na atual conjuntura, promover a colaboração significa estimular o trabalho em rede, fomentando a aprendizagem através da cooperação mútua.

Portanto, a educação onlife se caracteriza pela busca, refletir e problematizar acerca de novas metodologias e práticas pedagógicas que possam promover a inventividade, a cocriação e a colaboração. Nesse contexto, o papel do docente vai além de ensinar a resolver problemas prontos: é necessário criá-los, provocar o pensamento crítico e instigar a curiosidade, para que os estudantes aprendam a questionar, investigar e propor soluções originais.

A seguir, deixo as pistas para o Modelo Pedagógico propostas pelas autoras:



Fonte: Steyer, Bassani e Behar; 2023

Vozes dos professores



"Conhecer (ser informado) e ter conhecimento (domínio do conteúdo) de um tema específico exige tempo, reflexão e profundo senso de criticidade."

Tudo começa com autoconhecimento. Se eu não me conheço, como vou me amar? Como vou me cuidar? Como vou me desenvolver? Precisamos nos conhecer, essa é a nossa responsabilidade.

"Especificamente nas minhas disciplinas, o que tenho trabalhado um pouco é através da curiosidade. Passar problemas que exijam mais dos alunos."



Fomentar esse processo através da prática pedagógica pode ser desenvolvido a partir do afloramento da curiosidade que instiga o aprofundamento. Essa percepção está em consonância com as propostas que fundamentam o conceito de uma educação Onlife.

Vozes dos professores



"A habilidade que a pessoa precisa desenvolver hoje em dia, ao meu ver, é a separação e a busca por fontes sólidas de informação."

Essa citação do professor retrata um problema presente no mundo digital: o excesso de informação inútil. Isso ressalta a relevância de promover uma curadoria digital.

"Procurando novas metodologias de ensino que se adequem e se adaptem ao uso da tecnologia em sala de aula com o fator humano."



Devemos buscar novas metodologias de ensino que se adequem com a conectividade e com o fator humano. O objetivo da educação onlife não é concorrer com a tecnologia, mas tê-la como aliada no processo de construção do conhecimento.

Vozes dos professores



"Isso também cabe ao professor: orientá-los e mostrar que o tempo é uma matéria-prima escassa."

Ao conscientizá-los que tempo é sinônimo de vida, e desperdiçá-lo é uma forma de menosprezar a necessidade criativa de evolução, o professor fomenta o enriquecimento intelectual dos alunos.

10 Práticas pedagógicas que você pode aplicar AMANHÃ!



1 - Investigação Contextualizada



6 - Garimpo Digital



2 - Debates assíncronos



7 - Edição Colaborativa



3 - Curadoria digital



8 - Análise de comentários



4 - Rastreamento de desinformação



9 - Contra-Algoritmo



5 - Estudo híbrido



10 - Aba Única





1 - Investigação Contextualizada

Utilizar a pesquisa guiada para ampliar a discussão sobre um determinado tema. Por exemplo, se o tema for escravidão, os alunos podem pesquisar se existem trabalhos que hoje em dia são considerados análogos à escravidão. A ideia é que eles consigam ter novos temas.



2 - Debates assíncronos



O professor pode criar uma postagem instigante nas redes sociais e incentivar os alunos a comentar na postagem de forma assíncrona. A partir desses comentários, criar uma discussão em sala de aula.

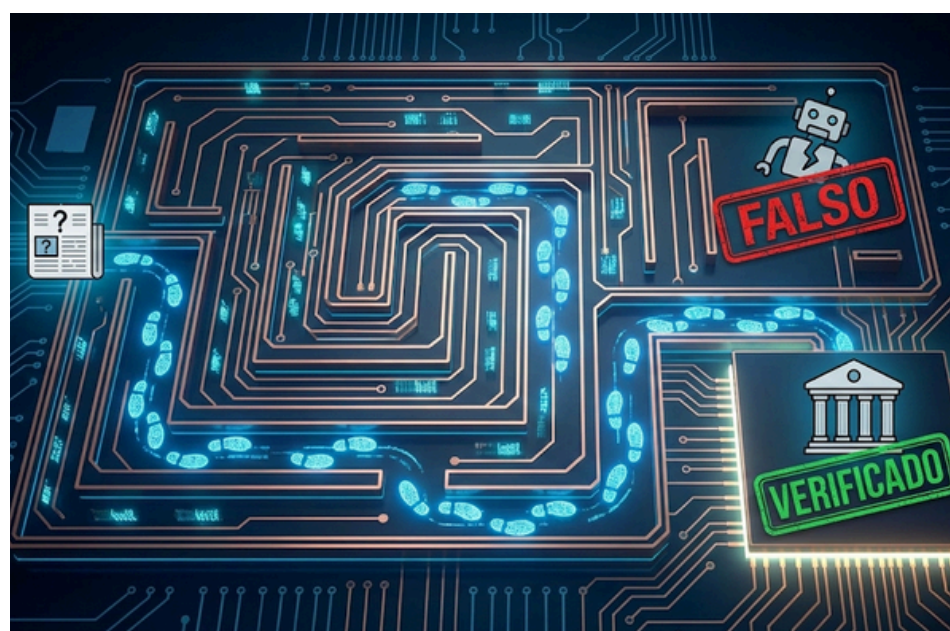


3- Curadoria digital

O professor pode pesquisar sobre o conteúdo, selecionar bons materiais, significá-los de acordo com o assunto passado e compartilhar com os alunos para que eles possam estudar sobre o tema.



4- Rastreamento de desinformação



Criar uma lista com notícias falsas e verdadeiras a respeito de determinado tema. Mandar eles procurarem nas redes sociais e verificar se a notícia é verdadeira ou falsa. A partir disso, explicar o porquê cada notícia é falsa.



5. Estudo Híbrido

A prática da educação Onlife não suprime os métodos tradicionais de aprendizagem. Ao solicitar um trabalho que utiliza recursos online, mas que deve ser escrito à mão, o estudante é forçado a processar aquelas informações. Os bons métodos tradicionais continuam sendo aceitos.



6. Garimpo Digital

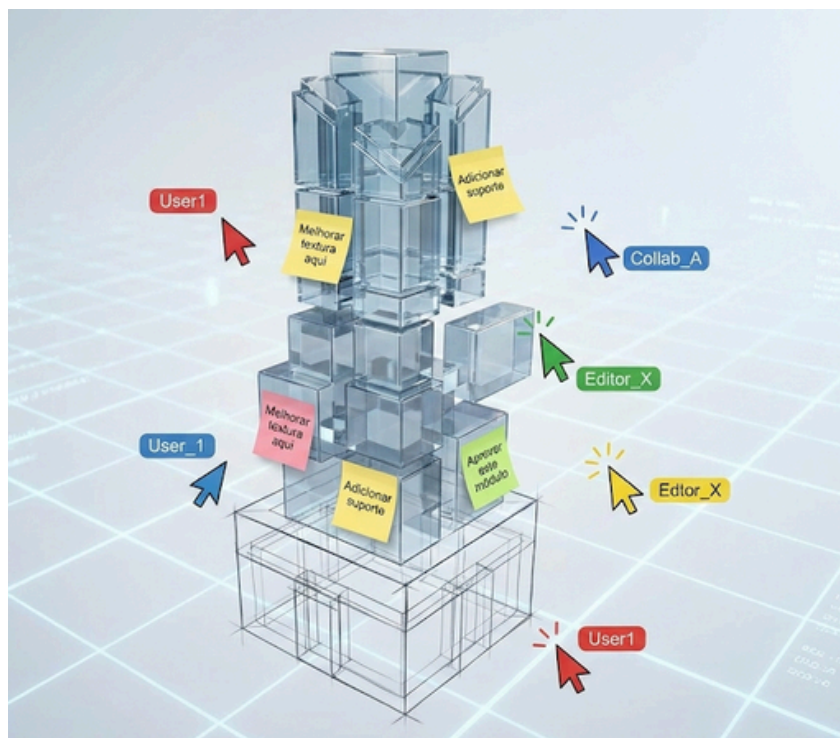


Pedir para os alunos buscarem o melhor conteúdo sobre um determinado tema. Eles devem justificar a escolha. Após isso, você professor irá julgar quem se saiu melhor e explicar o porquê.



7. Edição Colaborativa

O professor inicia um documento (slide ou texto) com um conceito ou um projeto. Os alunos são instruídos a, em turnos ou em sessões específicas, fazerem edições com sugestões de melhoria (Kaizen) para tornar o projeto mais complexo, mais relevante ou mais problemático. Todas as edições e comentários ficam visíveis.



8. Análise de Comentários

Usar como estudo de caso uma seção de comentários de um vídeo do YouTube, um fórum de notícias ou uma postagem de rede social relacionada ao tema da aula, analisando a qualidade do argumento e o tom da interação.



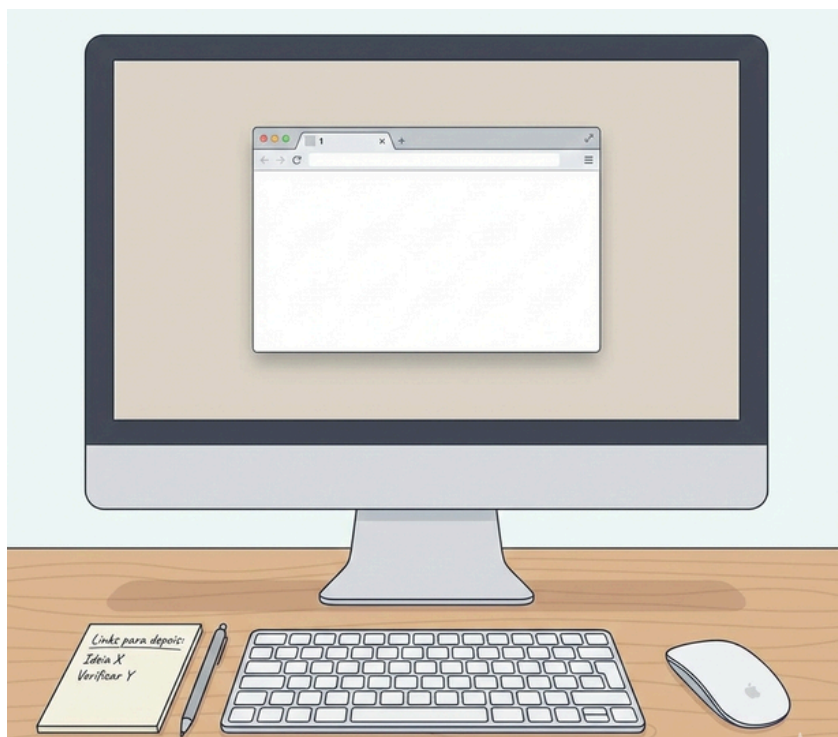


9. Contra-Algoritmo

O professor apresenta um tema e pede aos alunos para, individualmente, fazerem uma busca no Google e anotarem os cinco primeiros resultados. Em seguida, o desafio é inventar um algoritmo de classificação (ex: relevância, viés político, confiabilidade) para justificar qual resultado é o pior, qual é o melhor, e por quê.



10. Aba Única



Para uma pesquisa ou redação online, os alunos são desafiados a trabalhar com apenas uma aba do navegador aberta por vez. Se precisarem abrir outra fonte, devem fechar a anterior ou anotar o link para ver depois. O objetivo é que eles mantenham a concentração e o foco durante a pesquisa.

Referências

FERREIRA, H. M. A geração do quarto: Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2023.

FLORIDI, L. The onlife manifesto: Being human in a hyperconnected era. Cham: Springer Nature, 2015.

KASTRUP, V. Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva de professores. In: ENCONTRO E CONVERSAS SOBRE FORMAÇÃO INVENTIVA DE PROFESSORES, 1., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: https://youtu.be/kXdvtNbe2Xd8?si=DoEoNdkunmn-z_jn. Acesso em: 29 jan. 2026.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital OnLIFE. **Revista UFG** (on-line), v. 20, p. 2-35, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/36079>. Acesso em: 29 jan. 2026.

STEYER, D.; BASSANI, P. S.; BEHAR, P. A. Pistas para um Modelo Pedagógico para Educação OnLife com Foco no Personal Learning Environment (PLE). **E-Curriculum**, São Paulo, v. 21, e61645, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/61645/43321>. Acesso em: 29 jan. 2026.